



MARCUS FABIANO GONÇALVESⁱ

*Fachadas de cal ponían
cuadrada y blanca la noche.
Serafines y gitanos
tocaban acordeones.*

Federico García Lorca

O ANJO CIGANO

o bem e o mal ainda na mesma barra. no berçário congeminavam ninhadas de anjos e najas. fora dos ovos, na jacente areia desértica, as serpentes feneciam como vermes enquanto os anjos afluíam ao firmamento eterno. azuis e sobre as nuvens eram infensos ao olho nu e sua impudica facúndia, translúcidos pois do mesmo tom de seu fundo. no alto treinavam flanquear beiras protegendo suas plumas. tornavam-se perscrutantes como o periscópio das corujas. havia serafins de seis asas e querubins de quatro caras (leão e touro, homem e águia). logo abaixo os arcanjos eram reputados devotos *postinos*, oficiais de justiça do altíssimo, mensageiros de seus urgentes desígnios. os mais briosos envergonhavam-se desse ofício e assim sucumbiam. outros cuidavam de glorificar seus estilos. dentre estes destacava-se um anjo cigano que lia mãos e falava fumando. ria alto, era quase humano. lenço no lugar dos cachos, pardo ao invés de branco. tornara-se exímio com violinos e banjos. soprava acordes à guitarra de Django e só fazia seus anúncios dançando. recusava a auréola e a trombeta. era mais de perfumes e rosas vermelhas. assistiu Sara Kali como parteira e correu o mundo em incontáveis caravanas. por seus hábitos esquivos diziam tê-lo visto roubando. aos poucos misturou-se a outras quinas e cânones. entre moldávios e transilvanos falava de Shiva, Vishnu e Brahma. pretos e gregos o iniciaram nos couros da umbanda e no apedrejamento do clinâmen. com os párias aprendeu a viver desviando-se.

*Deus não joga dados com o universo.
Albert Einstein*

*O que esperais de um Deus?
Ele espera dos homens que O mantenham vivo.
Hilda Hilst*

OS DADOS DE DEUS

deus não joga dados, prefere o baralho. outras combinações do mesmo acaso. porém quando joga já sabe o resultado. ele é o crupiê que organiza o carteadado e o jóquei do azarão de cada páreo. de quebra ainda é craque em sinuca de bico. o giz do seu taco é bendito. deus não gosta de bingos e acha o xadrez muito pouco instrutivo: falsamente rebuscado, uma maquete do homem como este é do macaco. aos domingos deus joga truco com o diabo. e lhe entrega pastores ladrões e padres devassos. são suas fichas falsas e seus dados chumbados. deus joga sujo com quem merece. às vezes ele finge que perde. e só o faz para que ganhar tenha graça. deus pratica mas não tolera trapaças. na roleta russa ele é sem adversários. só acerta na cabeça do avestruz e do veado. e isso quando joga no bicho. deus ensina que com a vida não se brinca. por isso jamais assiste a jogos olímpicos. ele disfarça e diz que paganismo não é consigo. No fundo deus não é nada competitivo. apenas monoteísta e muito polido. deus não vive trancado em cassinos. joga tava, joga bocha, aposta em loterias. o pecado de deus é não ter outros vícios. não gosta de mulher nem de bebida. às vezes só curte um sambinha. ele prefere mesmo espreitar precipícios e distribuir paraquedas furados a anjos caídos. deus é bom porque conhece toda malícia. tem dedos mas não belisca. gosta mais de tirar par ou ímpar. deus compra a cartela inteira da rifa. e paga com a moeda do cara ou coroa. ele só joga com moedas de ouro. o resto ele tira no palitinho. graças a isso os perdedores o fazem de caça-níquel, o que o deixa muito triste. ele considera a probabilidade uma cretinice. o seu sonho sugere o palpito e inventa a esperança. deus prefere o dominó ao fliperama. em matéria de luz ele ganha de lambança. no pôquer o seu blefe é a maior catástrofe. deus esconde o curinga e inventa outros naipes. aliás disso só deus sabe: de onde vem a palavra naipe. em sânscrito governador é *nabab*, o mesmo que em árabe é *naibi*, que em hebraico vira *feiticeira*. mas deus joga e não complica. sua fezinha já é profecia. ele abole as regras do jogo e ensina o riso na corte do bobo. deus salva da corda o enforcado porque seu tarô tem dois lados. e em cada um deles gira uma roda da fortuna. a sorte de deus não conhece a palavra nunca. ano passado entretanto deus foi morto (de novo) pelos cientistas. disseram que ele encorajava a jogatina. e que suas ideias eram castelos de cartas. a ciência então se comprazia em assoprá-las. deus as recolheu e não fez nada. ele não tem pressa, apenas calma. um dia ele põe suas cartas na mesa e acerta essas desavenças. enquanto isso, deus joga paciência.

A MÁQUINA DO FUNDO

a pesca escassa, o rio poluído, a quotação da dracma
um heraclítico engenho rege o mundo das máquinas

na margem, a draga do imponderável rio sem fundo
sem opor o puro ao sujo, aceitando o fluxo de tudo

a lama negra das imagens infiltra o oco dos crânios
no entulho da palavra gaga, a jaula do orangotango

reúne uns cacos de naufrágio, enjambra umas tábuas
vê se salva a ave da linguagem nessa arca de sucata

une o conteúdo à sua forma mais perfeita e intransitiva
e embora toda solda, cuida de mantê-la móvel e flexível

coa a lama toda dessa draga e separa bem tua saliva
retém a gota e o grão no sorriso amarelo das espigas

observa o dedo lardo catando seu milho na datilografia
de grão em grão germina um corvo no ventre da galinha

chocando a ave faz esfinge de quem ignora o enigma
mas na verdade ela bem sabe que no fundo nada finda.

**HOMO FABER
HOMO LOQUENS**

no manejo livre
da mão sem trilha
a menor mandíbula
que fala ou mastiga

à flor da pele doída
outro dente de leite
rasgando a gengiva

e que fosse prazo
ou siso à sua guisa:
tempo – hemorragia
que é a própria vida

ou mesmo poesia:
a inútil pedra polida
amolando os sentidos
que a fala não afia.

PONGE ET L'OBJEU

pela fadiga das retinas
e o sangue nas cutículas
tem-se dele enfim a pista

o ser aí, à mão e à vista
unha e carne que entre
tantas coisas se limita

na ontologia da suspeita
quem conseguir que veja
esse apontador de dedos
e oblíquas sobrancelhas

passa ou vive disfarçado
em uma miríade de cacos
e até na chuva de canivetes
é o que sempre cai fechado
de lâmina no cabo, retrátil.

O VÍCIO DO CAMINHO

o vício do caminho também pode ser retiro:
não o retiro asceta do monge ou do eremita
mas o de quem sem muito explicar emigra

retiro de quem tem o vício do caminho:
na antemão do destino ou pelas sendas do esmo
viver sem ser habitante, só passageiro

viver de passagem e sem endereço
mesmo que apenas pelo intervalo de um trecho

coisa de quem persegue o ermo até no tumulto do pleno:
romeiro no cortejo, condutor no engarrafamento.

*Quando te aproximares da terra, abre os olhos.
Américo Vespúcio, 1503*

AVISO AOS NAVEGANTES

no perene provisório o atol é sem atalhos: Abrolhos e os abra como se ordenasse um Sésamo, bem abertos mais ainda se as quilhas que singram entranhas do mar são longas lâminas de foices ceifando contra o fúcsia onde – avisa Vespúcio – há recifes de floração súbita.

RAFAEL

uma poça d'água
pinta a teus pés
essa cena de Rafael:
chumaços de nuvens
sobre a cratera de céu
que pelas bordas espias
com vertigem de poço
e curiosidade de espelho
refletindo um pássaro
em pleno gorjeio

e se súbito ergues a cabeça
à procura desse trajeto de ave
teu filho logo todo o quadro invade
e te sorrindo com os pés na água
sob sua luzida auréola
e com suas invisíveis asas
ele te ensina outro sentido
da palavra *nefelibata*:
criança, anjo das calçadas.

DRUMMOND, FARMACÊUTICO

na usinagem das anginas, o melhoral:
do neurônio à reles bactéria digestiva
bálsamo para as dores que excruciam

contra as tênia do tédio, o vermífugo
que clareia a fosca alameda dos cinzas
e ladrilha uma vereda com pedrinhas

o velho tônico de combate à anemia:
o ferro do sangue, o mesmo da mina
sabendo a bÍlis negra da melancolia

e para os achaques de asma ou mialgias
a melhor cânfora que arre pia as plumas
ali onde é mais viva a nossa carne crua.

*Me habéis preguntado qué hila el crustáceo entre
sus patas de oro y os respondo: El mar lo sabe.*

Pablo Neruda

OS NOMES DO MAR

o mar cria seus próprios cavalos e torna-se pedra quando muito gelado. ele não conhece flor nem fogo e mesmo assim pode queimaduras e adornos. tem enguias e mães d'água, corais e algas. o seu chão constela-se de esponjas e anêmonas. o mar é pródigo em estrelas e proventos. mas não tem galhos para os pássaros nem cabelos para os afogados. o mar é um cofre de naufrágios. no seu fundo caminham os escafandristas. entre moreias e meros seus sapatos levitam. o mar é duro e delicado como a carapaça de um crustáceo. em suas angras ele brinca de aquário. ele é aéreo nas nuvens e seu humor sujeita-se à lua. o mar arrasta ou empurra. e seus abismos devoram muitas âncoras. são os brincos que lemanjá reclama. na praia a onda lambe a areia mas nunca há ânsia. o plâncton escoo na garganta e o píer é um palito que por ela avança. e se um farol a ilumina, ei-la sem amídalas. o mar é inteiro boca e saliva. e nunca cospe, apenas engole. quem pensa em ressaca o enxerga de fora. ou acredita em mentiras. o mar exige sorte além de perícia. o mar salga e salva. seu imenso é um cemitério de almas. o mar não se cala quando quer, por isso é bem maior que o céu. ele dá a volta ao mundo sem andar em círculos e move as nadadeiras do pensamento perdido. o mar pode ser lindo e sinistro. solares e umbrívagos são seus caminhos. e eles recolhem muita espuma pelas bordas. o mar é imêmore e guarda todas as horas. e só chega à costa para que alguém possa vê-lo. o homem que o vê é um peixe seco. de ar e sangue, e sem guelras. o homem é igual ao mar, concebe e faz guerras. deus separou a porção seca do mar e pôs o homem a viver nela. a terra separa as águas como a vontade faz com os homens. há nela duas árvores: a do conhecimento e a da vida. a lei é que certas frutas vermelhas são interditas. para ir de um lado a outro o homem tem pés. para atravessar o mar, navios e Moisés. em terra o homem é o lobo do homem. já o lobo marinho é bem mais tranquilo. é mimoso feito um ouriço recém-nascido e quando cresce não promete espinhos. frente ao mar o homem tem arroubos divinos: caminhar sobre as águas, multiplicar os peixes. mas sua vida terrestre é de carne e leite. o homem brinca de deus quando teima. ele se consome de porquês e se fabrica problemas. o homem brinca de deus mas vive no tempo. e no mar ele nomeia seus medos: mar morto, mar negro, mar vermelho. o homem é água e enredo.

ⁱ **Marcus Fabiano Gonçalves** nasceu no Rio Grande do Sul. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS, é mestre e Doutor em Teoria e Filosofia do Direito. Prepara doutoramento em antropologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Morou em Porto Alegre, Florianópolis, Paris e Natal. Atualmente Radicado no Rio de Janeiro, é professor da Universidade Federal Fluminense. Em 2005 publicou *O Resmundo das Calavras* (WS Editor), obra finalista do Prêmio Jabuti. Alguns dos poemas acima são de seu segundo livro *ARAME FALADO* (inédito). (M.F.G.)